

## **Quantas casas a Casa Viva abriga?**

**Bruna Rafaella Ferrer**

A Casa Viva é aberta com desejo de conversar. Sendo espaço de diálogo, a Casa é local de produção de saber que nasce da troca, de sensações, de descobertas e de dúvidas. Na constituição da Casa Viva, houve um investimento na possibilidade de instalações, obras e espaços fazerem ressoar numerosas falas e formas de dizê-las em detrimento da instauração do que é “apresentável”, como imagem dada.

A investigação gráfica, que anteriormente era trabalhada nas obras de Juliana Lapa com espessas camadas de grafite, desta vez abre seu contorno. Nos desenhos-moradores da Casa, a artista rasga não apenas figuras, mas também a pedra, para mostrar suas entranhas e marcar a passagem do tempo. Da dilaceração escorre cor, forma e tema para o mundo. O mundo como território, a cidade de Carpina, onde a artista, cresceu e aprende a essência de certas dinâmicas sociais e políticas; o mundo em seu microcosmo de espaço construído da casa, forjada para receber pessoas e coabitar memórias; e o mundo da paisagem interior, repleto de carga simbólica da experiência vivida por Juliana.

Nesse movimento de escoar, o público é impelido a também não cristalizar ideias. Não basta prostrar-se diante da obra para dela extrair significações conclusivas pois a Casa é composta não só por obras que flutuam entre o subterrâneo do inconsciente e o letreiro que irradia luz ao céu, mas também por inúmeras casas dentro da Casa. Impossível encerrar casa e obra, conceitual ou fisicamente, pois elas são a matéria orgânica, a alma e dimensão sensível que tornam a Casa Viva.